

Mudanças organizacionais no trabalho e seus impasses nos projetos educacionais

Paloma Mariana Caetano¹

Resenha de: ANTUNES, Ricardo; PINTO, Geraldo Augusto. A fábrica da educação: da especialização taylorista à flexibilização toyotista. São Paulo: Cortez, 2017.

Qual a relação entre as mudanças organizacionais ocorridas no mundo do trabalho, devido à industrialização capitalista, e os projetos educacionais que vigoraram ao longo do século XX? Motivados pela necessidade da reflexão crítica do tempo presente, os sociólogos-professores Ricardo Antunes e Geraldo Augusto Pinto, escreveram o livro “*A fábrica da educação: da especialização taylorista à flexibilização toyotista*”, de “*feição introdutória*” (como denominam), especialmente para a Coleção *Questões da Nossa Época*, da Cortez Editora.

Para o estudo desenvolvido sobre as alterações sofridas no mundo do trabalho e, consequentemente, no mundo da educação, no curso do século XX, os autores dividiram a obra em oito capítulos, num total de 117 páginas. Para aprofundar a análise proposta trazem para o diálogo autores como: Karl Marx, Frederick W. Taylor, Henry Ford, Antonio Gramsci, György Lukács, entre outros.

No Capítulo 1, “Produção e trabalho alienado”, os autores assumem a premissa formulada por Marx, de que o modo de produção só pode ser pensado em sua totalidade, considerando a articulação entre a dimensão objetiva e subjetiva da realidade. Além disso, afirmam que em nosso atual sistema o trabalho acaba sendo exercido de forma alienada, onde “*o trabalhador não se reconhece no próprio processo laborativo que realiza*” (p. 13). Isso ocorre devido aos fenômenos de estranhamento e exteriorização.

No Capítulo 2, “O sistema taylorista de gestão do trabalho”, o enfoque é dado à *sociedade do automóvel* e como um projeto industrial teve consequências na vida da classe trabalhadora, tanto nas fábricas como fora delas. Frederick Taylor (1856-1915), conhecido mundialmente por ser “pai da administração científica”, preconizou a divisão “técnica” entre trabalho manual e intelectual no ambiente fabril. A intenção desta medida era de tornar o processo produtivo mais

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História, Poder e Práticas Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Marechal Cândido Rondon. Vinculada à linha de pesquisa de “Trabalho e Movimentos Sociais”. E-mail: palomacaetano07@hotmail.com

rápido pela subdivisão de funções. Cada operário passou a ser responsável por uma série de atividades diárias determinadas pela administração. Nessa direção, segundo a lógica taylorista, os problemas entre trabalho e capital seriam resolvidos por meio de medidas gerenciais.

Entretanto, como bem ressaltaram os autores, o “*objetivo, contudo, dos métodos de Taylor é inequivocamente a extração do conhecimento da classe trabalhadora a fim de liquidar seu poder de barganha em face dos compradores/as de força de trabalho*” (p. 24). Deste modo, o sistema taylorista desenvolveu o “estudo do tempo e dos movimentos” necessários/essenciais para executar uma determinada atividade feita por um trabalhador hábil, com o intuito de criar uma padronização e aumentar a produtividade.

Com o Capítulo 3, “Ford e a produção industrial em grande escala”, Antunes e Pinto abordam os elementos do sistema produtivo em série para o consumo de massa. A linha de montagem de Henry Ford (1863-1947) era composta por postos de trabalho, onde ocorriam as transformações da matéria prima, onde a cada parada o automóvel ganhava forma. Esse espaço era composto como uma cadeia única, com atividades interligadas. O trabalho era realizado por meio da divisão detalhada de funções, para que cada trabalhador fosse encarregado por uma atividade especializada.

Na sequência, o Capítulo 4, “O sistema taylorista-fordista e o novo mundo da fábrica”, demonstra que, o binômio “*foi muito mais que um método de organização do trabalho e da produção*” (p. 50). Segundo os autores, “*foi um movimento de reestruturação produtiva dos Estados Unidos visando a ampliação da produção e extensão do mercado de consumo*” (p. 50). As propostas de Taylor e Ford solucionaram uma crise do capital ao mesmo passo que criaram novas maneiras de explorar a força de trabalho na indústria.

Vale ressaltar que as mudanças ocorridas nesse processo histórico fizeram com que o trabalho humano se tornasse uma atividade repetitiva e mecânica, cada vez mais alienado e fragmentado. O “saber-fazer” dos trabalhadores foi usurpado pela gerência administrativa. Evidentemente, os trabalhadores e os sindicatos lutaram contra a introdução desses modelos, suas denúncias e oposições resultaram em conquistas para a classe operária.

O capítulo 5, “O toyotismo e sua empresa enxuta e flexível”, apresenta de início uma breve síntese dos fatores que contribuíram para a declínio do taylorismo-fordismo. Dentre outros modelos mundiais que buscaram suprir a crise estrutural do sistema de capital destacou-se a experiência ocorrida na Toyota Motor Company, no Japão. Tal modelo, a partir dos anos de 1980, configurou-se como o novo padrão de acumulação. O Toyotismo, como foi denominado, é um sistema que “*se estrutura no trabalho em equipe, baseando-se num processo produtivo flexível onde o/a trabalhador/a opera simultaneamente várias máquinas*” (p. 64).

Seu diferencial em relação a outros sistemas é de que a produção está estritamente vinculada à demanda. Além disso, tem como princípio o *just in time*, termo em inglês que significa “no tempo/momento certo”, uma forma de gestão que possibilita produzir conforme a quantidade exata necessária, não “estocando” mercadorias. Mesmo apresentando elementos de continuidade do taylorismo-fordismo, o toyotismo promoveu uma “despecialização”: os trabalhadores realizam mais de uma função no ambiente laboral e trabalham em postos coletivos. Os autores especificam cada elemento da estrutura do sistema responsável pela recuperação do Japão após a destruição devido a Segunda Guerra Mundial, em 1945, e que gerou uma flexibilização organizacional na indústria.

No capítulo 6, “A educação utilitária fordista e sua pragmática da especialização”, demonstra que o projeto educacional destinado à classe trabalhadora tem como princípio transformar estudantes em trabalhadores. O taylorismo-fordismo “colocou como horizonte escolas técnicas, ditas profissionalizantes” (p. 78). Seu intuito incentiva a divisão entre teoria e prática, mantendo e intensificando a desigualdade social existente.

Os conhecimentos escolares deveriam, portanto, preparar e instruir os alunos ao mundo do trabalho. Para Ford, o “aprender a pensar” só tem um sentido: “promover a obediência” (p. 80). As pessoas passaram a ser separadas: entre aqueles que planejam (gestores) e aqueles que executam (trabalhadores), entre *homo sapiens* e *homo faber*. Tais propostas foram difundidas em programas de treinamento dos trabalhadores nas empresas, tanto nos pressupostos dos “quatro passos de Allen” como nas intenções do TWI (Training within industry).

O Capítulo 7, “A educação flexível e a pragmática da multifuncionalidade liofilizada”, destaca como o modelo de educação taylorista-fordista foi difundido no Japão por meio do modelo TWI. Era ofertado ao trabalhador, que tinham, ao menos, uma formação secundária, “um curso em que 70% do conteúdo era puro treinamento para o trabalho, sendo o restante destinado à ‘cultura geral’” (p. 92). As necessidades da educação significavam as necessidades do mercado de trabalho.

Devido à organização toyotista, a educação se tornou mais flexível, na medida em que os trabalhadores deveriam assumir a postura de serem criativos e polivalentes, dominando o uso de equipamentos de alta precisão técnica. Temos nessa proposta de ensino um maior enfoque às demandas informais ou comportamentais, a necessidade de “aprender a aprender”, a se adaptar as transformações laborais.

Por fim, no Capítulo 8, “Uma educação em outro modo de vida: uma breve nota conclusiva”, os autores propõem uma reflexão sobre um olhar educacional para além do capital. Estabelecem que a educação não deve ser realizada a partir da separação entre trabalho manual e trabalho intelectual, nem se manter nos moldes feitos até o presente. A proposta que realizam é para que ocorra “uma educação, concebida a partir do trabalho entendido enquanto

atividade vital, autônoma e autodeterminada, em uma palavra omnilateral”, que levaria à emancipação humana.

O livro não apresenta em sua estrutura uma conclusão. É destinado a estudantes, professores e pesquisadores do mundo do Trabalho e da Educação, para todos aqueles que buscam o avanço e fortalecimento da Educação Pública.

O debate desenvolvido é enriquecedor para compreender as mudanças ocorridas no mundo do trabalho e as intenções do projeto educacional que vigora nos dias atuais. O livro apresenta o mundo do trabalho e o mundo da educação de forma dialética, articulando essas dimensões em uma totalidade das relações sociais. Assim sendo, é de suma importância para a reflexão crítica do tempo presente, compreendendo que o século XXI é marcado por muitos elementos de continuidade de técnicas desenvolvidas pelos sistemas tayloristas-fordistas-toyotistas.

Resenha recebida em 14.06.2017

Aprovada em 2.8.2017